

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

FRANÇOISE ENGEL FERNANDES

**A contação de histórias para crianças
de zero a dois anos**

**Sapiranga
2010**

FRANÇOISE ENGEL FERNANDES

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA
CRIANÇAS DE ZERO A DOIS ANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia, pela Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul – FAGED/UFRGS.

Orientador(a):
Profa. Dra. Gládis Kaercher

Tutor(a):
Rossana Strunz Coelho dos Santos

Sapiranga
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia –
Licenciatura na modalidade a distância/PEAD:** Profas. Rosane
Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.
Cora Coralina

AGRADECIMENTOS

Sou grata às pessoas abaixo relacionadas e compartilho com elas a certeza de que um mundo melhor se constrói a partir da educação.

Agradeço sinceramente,

A todas as pessoas que colaboraram, de diferentes maneiras, para que este trabalho pudesse ser realizado;

À minha mãe por todos os ensinamentos passados durante a vida;

Ao meu esposo, Sérgio, que teve muita paciência e que durante esses anos abriu mão de muitos momentos de lazer para que eu pudesse realizar minhas atividades. Agradeço também por nunca me deixar desistir;

Aos meus filhos, Eduarda e Lázaro que souberam compreender meus momentos difíceis;

À professora Gládis e às tutoras Rossana e Sibicca, pela sua disposição em solucionar minhas dúvidas e dificuldades, por suas idéias que contribuíram muito para minha formação profissional;

Às minhas colegas e amigas que pacientemente me ouviram e me apoiaram em muitos momentos difíceis;

A Deus, por estar sempre presente em todos os momentos da minha vida, mostrando-me o caminho certo a seguir.

A todos, minha sincera gratidão!

RESUMO

As crianças de zero a dois anos ainda não possuem o domínio da linguagem escrita, porém é nesta fase que a leitura deve ser introduzida de forma lúdica a fim de que se formem futuros leitores críticos que desenvolvam a habilidade de encontrar na literatura uma fonte de prazer e de busca de novos saberes e, nesse sentido, o espaço formal da escola é o local mais propício para essa experiência de aprendizagem, porém nem sempre esse primeiro contato formal com a língua escrita se dá de forma significativa. A presente pesquisa surge da necessidade de compreensão das dificuldades encontradas em introduzir lúdica e positivamente a literatura para crianças nesta faixa etária, refletindo acerca das possibilidades e limitações encontradas pelo professor e apontando sugestões. A análise é feita a partir de dados concretos encontrados na prática pedagógica e, a partir desta constatação, pesquisas bibliográficas de autores que trazem contribuições acerca do tema.

Palavras-chave: Literatura– Educação Infantil – Prática docente

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A EDUCAÇÃO NA INFÂNCIA E A LITERATURA	9
2 EDUCAÇÃO INFANTIL: PROCESSO EM CONSTRUÇÃO	16
3 A LITERATURA E A EDUCAÇÃO INFANTIL	19
4 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	24
5 ANÁLISE DE DADOS.....	26
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem o objetivo de descrever os problemas encontrados durante a realização de um período de prática pedagógica com uma turma de crianças de zero a dois anos, refletindo acerca das possibilidades e limitações encontradas a partir da análise da experiência e da busca por respostas em bibliografia referente ao tema.

O primeiro capítulo traça um breve histórico acerca de como o conceito de infância tem sido construído ao longo do tempo e de como, nesse contexto, a literatura tem sido apresentada às crianças.

O segundo capítulo traz informações acerca do processo de implementação da Educação Infantil como espaço formal de educação e aprendizagem.

No terceiro capítulo é apresentada a importância da presença da Literatura na Educação Infantil.

A metodologia de pesquisa é apresentada no quarto capítulo e a análise de dados referentes ao problema da dificuldade encontrada ao contar histórias às crianças de até três anos é relatada no quinto capítulo.

No sexto capítulo apontam-se as conclusões a que se chegou após a realização desta pesquisa.

1 A EDUCAÇÃO NA INFÂNCIA E A LITERATURA

Vivemos em um período histórico em que a informação circula com grande rapidez, seja por meio da televisão, de revistas e jornais, livros ou internet. Porém, mesmo com tantos avanços no que se refere à produção, distribuição e acesso à literatura, alguns pontos ainda merecem atenção por parte de pesquisadores e educadores, uma vez que a facilidade de acesso não necessariamente implique em sua qualidade.

Durante a realização de meu estágio, ocorrida com uma classe composta de vinte alunos de um a dois anos, interessei-me especialmente pela questão do acesso à leitura e de como torná-la mais próxima das crianças desta faixa etária (até três anos), uma vez que os livros que lhe são oferecidos são manuseados com alegria. Constatei, inicialmente, que a estes livros são atribuídas funções de brinquedo, sendo manuseados, mordidos, carregados de um lado a outro e que a hora da contação de histórias despertava o interesse do grupo, mas rapidamente se dispersavam, buscando outras atividades.

Dedico-me a analisar o porquê desta atitude que, inicialmente, poderia ser considerada falta de interesse ou de capacidade de concentração e também em buscar alternativas que possam ser usadas como recurso para tornar o momento da leitura o mais significativo possível.

Várias questões pontuam esta pesquisa que tem como objetivando mostrar a importância da contação de histórias como elemento formador de vínculo afetivo que propicia o desenvolvimento do gosto pela leitura, à construção de uma rede de significações que dão sentidos e reestruturam as relações sociais e os conflitos internos, bem como uma série de habilidades, como a linguagem e o raciocínio. Sendo assim, esta pesquisa busca dados que

apontem a importância da literatura no desenvolvimento cognitivo social, emocional de indivíduos ainda na primeira infância.

Para Abramovich (1991), ler para as crianças é:

(...) suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é ter outras idéias para solucionar questões (...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos (...) e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a solução delas... (ABRAMOVICH, 1991, p.17)

Temos nos deparado com inúmeros artigos e livros que tratam do desenvolvimento infantil, especialmente nos últimos 60 anos, pois, de acordo com Fábio Lisboa em adaptação ao texto da professora Iole de Cunha, a partir desse período:

(...) a comunidade científica passou por grandes avanços no conhecimento sobre o bebê-não nascido, o recém-nascido e o período de zero a três anos trazendo, com estes avanços, perspectivas de melhorar a qualidade de vida e interferir de forma positiva no desenvolvimento humano. (LISBOA, outubro de 2010)

Apesar de tantas informações e pesquisas, um número considerável de pais não tem acesso a elas e por falta de informação ou de tempo não se dedicam à leitura para os filhos ou preocupam-se com a qualidade do material oferecido e lido. Ao buscar informações acerca de como os pais tratam a infância e de o porquê desse aparente descaso, pude verificar que o conceito de infância como a temos hoje é bastante recente e que, possivelmente, muitos desses pais ainda tem conceitos e informações que não se adaptam mais às exigências contemporâneas.

Ariès, no livro História Social da Criança e da Família traz informações importantes sobre como se dá esta evolução, uma vez que à infância não era dada a importância que se lhe atribui atualmente.

Para demonstrar a evolução e os benefícios dos estudos referentes à evolução da literatura infantil, resgato, em linhas gerais a evolução da Instituição Escola e da Literatura em meio a esse processo.

Para esta etapa da pesquisa, utilizo-me de autores como Áries, já citado acima, Mario Alighiero Manacorda e José Aderaldo Castello.

As leituras feitas, baseadas nos teóricos acima mencionados, apontam que nas sociedades primitivas o ensino era dado de maneira informal e coletiva com o objetivo de garantir a sobrevivência e perpetuar a cultura. A transmissão de conhecimentos se dava através da oralidade.

De acordo com o que nos traz Ariès, embora envolta num espaço de transmissão de cultura através da oralidade, o espaço lúdico necessário ao desenvolvimento saudável da infância, uma vez que não se diferenciam adultos e crianças:

[...] essa sociedade via mal a criança, e pior ainda o adolescente. A duração da infância era reduzida ao seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria um desembaraço físico, logo era misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje [...] (ARIÈS, 1981, p.: 10)

Tal como nas sociedades primitivas, o acesso ao mundo da leitura para as crianças de até dois anos se dá através da oralidade. Felizmente, na atualidade, grande parte de nossas crianças nesta faixa etária tem acesso ao ensino formal, pois freqüentam as creches e é nesse espaço que a oralidade deve ser explorada na contação de histórias para que estes sejam momentos de significação, desafio e crescimento.

Para Abramovich,

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (...) (ABRAMOVICH, 1991, p. 17)

Essa forma de contar histórias, tão importante para a manutenção da cultura nas sociedades arcaicas e que se faz tão necessária nos nossos dias deu lugar a formas mais racionais de ensino já na sociedade greco-romana. Na qual a classe beneficiada com formação era a elite dominante para a qual a educação se fazia necessária para a formação de guerreiros e dirigentes. Antes ainda dos gregos e romanos, Manacorda (1989), nos fornece elementos que permitem entender como a transmissão de conhecimentos se dá nas

sociedades antigas, como no caso do Antigo Egito, considerado o berço da civilização antiga:

Pode-se deduzir que um povo [...] com uma agricultura avançada tivesse acumulado e transmitido desde tempos remotíssimos noções de alto nível não somente sobre a agricultura e agrimensura, mas também sobre as ciências que lhe servem de base: a geometria [...], a astronomia [...] e especialmente, a matemática [...]. Logo, para isso se imaginaria encontrar escolas “intelectuais”[...] e escolas “práticas” de vários ofícios[...]

Na realidade, sobre estes dois aspectos fundamentais da formação intelectual e profissional, que se organizam em seguida como escola e aprendizado, faltam-nos para os tempos mais antigos, provas mais diretas [...]

[...] Temos, porém, provas do processo de inculturação reservado às classes dominantes: isto é, a escola de formação para a vida política, ou melhor, para o exercício do poder [...] (MANACORDA, 1989, p.: 10)

Vale lembrar que nestas sociedades a criança era vista como um adulto em miniatura e que a formação não era direcionada a todos: escravos, pobres e meninas não recebiam as mesmas instruções que os meninos das classes mais abastadas.

Manacorda nos traz maiores informações acerca da educação na sociedade greco-romana:

[...] Encontraremos antes de tudo, a separação dos processos educativos segundo as classes sociais, porém menos rígida e com um desenvolvimento para formas de democracia educativa. Para as classes governantes uma escola, isto é, um processo de educação separado, visando preparar para as tarefas do poder, que são o “pensar” ou o “falar” (isto é, política) e o “fazer” a este inerente (isto é, as armas); para os produtores governados nenhuma escola inicialmente, mas só um treinamento para o trabalho. (MANACORDA, 1989, p.: 41)

Ao verificarmos que a escola, como espaço formal de aprendizagem tinha acesso restrito a poucos indivíduos, não abrangendo toda a sociedade, pode-se deduzir que a busca de métodos pedagógicos que garantissem a ludicidade da aprendizagem e, neste contexto, também das crianças pequenas a esses espaços era inexistente.

Corroborar com esta informação os dados trazidos por Manacorda ao afirmar que somente no século V a.C. é que se encontram registros que mostram uma transformação no sistema educativo a partir da criação da escola do alfabeto (1989, p. 51 e 52). Encontram-se neste período escritos que

permitem verificar que as classes mais abastadas uma preocupação com a formação moral e cívica de suas crianças. Ainda conforme Manacorda:

É claro que esta educação é possível especialmente aos que tem maiores possibilidades, isto é, aos mais ricos, cujos filhos começam a freqüentar os mestres em idade **mais nova** do que os outros e os deixam mais tarde. [grifo meu] (MANACORDA, 1989, p.: 53)

A informação obtida na citação acima indica que neste contexto já aparece a preocupação com um cuidado maior em relação às crianças menores.

A autora, baseada nos escritos de Platão, nos informa como, de uma forma mais generalizada, se davam as primeiras instruções aos pequenos:

A partir da tenra infância e durante toda a vida, os pais educam e admoestam seus meninos. Logo que a criança começa a entender, nutriz, mãe, pedagogo e o próprio pai fazem de tudo para que ela se torne o quanto mais possível ótima. Perante qualquer coisa que ela faça ou diga, a ensinam mostrando-lhe: este é justo e aquele é injusto, este é bonito e aquele é feio[...]Em seguida, entregam-na aos mestres, recomendando-lhes que cuidem do bom comportamento da criança mais do que o ensino das letras e da cítara.(PLATÃO, Prot. 325c 326e, apud MANACORDA, 1981,p.: 53)

Os dados apontados acima demonstram um nível bastante significativo do cuidado para com a criança. Não há, porém, neste contexto uma proposta pedagógica institucionalizada que vise basicamente a formação da criança até os seis anos, tal como temos hoje sob a denominação de Educação Infantil.

No período compreendido por Idade Média o Clero detinha o poder do conhecimento que ficava restrito aos muros dos mosteiros nos quais os religiosos estavam encarregados de transmitir o saber que se dava de forma a atingir apenas à elite e não havia distinção entre adultos e crianças.

Ler e escrever era considerado de menor importância, uma vez que a ampliação das riquezas era o projeto que merecia maior preocupação e empenho.

As mulheres de alguns nobres aprendiam a ler para que pudessem ler seus cânticos e orações para a Missa.

Pode-se perceber que neste contexto, a preocupação com a formação integral do sujeito, tendo a infância como momento decisivo, não fazia parte da

concepção destas sociedades. Mas, isso não significa que a oralidade, o hábito de contar histórias não existisse. Obviamente, continuavam-se a contar histórias, porém o que fica evidente é que estas não tem mais um papel fundamental para estes grupos sociais, uma vez que outros interesses estão envolvidos e as crianças não são unicamente a garantia de sobrevivência de sua cultura que agora se faz por meio da expansão territorial e comercial.

O que estes estudos demonstram é que a escola, tal como a vemos hoje, preocupada em formar cidadãos críticos, criativos e autônomos e que se utiliza da Literatura como meio de atingir este objetivo não foi idealizada para este fim.

Se, inicialmente, a Escola servia para formar membros de uma elite e prepará-los para o governo e o comércio, com o crescimento da industrialização ela passa por uma transformação bastante significativa e, a partir de 1750, com a Revolução Industrial, passa a ser popular, ou seja, para todos devido à falta de mão-de-obra e, neste meio, “a escola torna-se de política em social” (MANACRODA, 1989, p. 270).

A Escola cujo acesso era livre para todos foi, sem dúvida, fruto da necessidade da burguesia emergente em preparar os funcionários oferecendo-lhes uma formação básica. Instrução essa que continuava a servir aos interesses ideológicos de uma minoria.

A educação, que antes era um privilégio de poucos, dos prediletos da fortuna, foi enfim reconhecida (graças a Deus) como um direito, uma necessidade, uma obrigação da humanidade “(Fr. 30. apud MANACORDA, 1989, p.:275)

Também aí, embora o acesso à Escola seja um progresso e sem entrar no mérito da ideologia dominante, verifica-se que a preocupação com o desenvolvimento do gosto pela leitura e do sujeito crítico não estava no centro das políticas educacionais. Os alunos precisavam aprender a ler, escrever e calcular. Independência, criticidade, criatividade e prazer pela leitura são preocupações muito mais contemporâneas, uma vez que as estâncias destinadas à educação infantil tinham um caráter assistencialista ou de caráter privado.

Manacorda (1989, p.: 281,282) nos relata o surgimento da primeira instituição de educação infantil surgida em 1816, na escócia, por iniciativa de Robert Owen que criou para atender aos filhos dos funcionários o Instituto para a Formação do Caráter Juvenil, no qual havia preocupação com a educação e instrução básica.

2 A EDUCAÇÃO INFANTIL: PROCESSO EM CONSTRUÇÃO

Desde seu surgimento até os dias atuais, a Educação Infantil passou por várias transformações.

No item anterior, fiz uma busca sobre como a infância foi vista e tratada ao longo da História e a forma como a oralidade estava presente.

Este capítulo relata, brevemente, como a Educação Infantil ainda é vista como assistencialista para muitos e que o processo para torná-la etapa básica do ensino ainda é um processo em construção.

Conforme já descrito acima, viu-se que as primeiras escolas de educação infantil surgem a partir da Revolução Industrial. Conforme CRADY e KACHEER (org., 1998), o surgimento de instituições de educação infantil esteve de certa forma relacionado ao nascimento da escola e do pensamento pedagógico moderno, que pode ser localizado entre os séculos XVI e XVII:

As creches e pré-escolas surgiram depois das escolas e seu aparecimento tem sido muito associado com o trabalho materno fora do lar, a partir da revolução industrial [...] CRADY e KACHEER (org., 1998, p. 10)

As escolas de educação Infantil foram criadas a partir da necessidade de atender aos filhos dos trabalhadores, fazendo com que estes, satisfeitos, viessem a produzir mais.

As autoras trazem uma informação bastante relevante no que se refere à organização destas escolas:

[...] também foram importantes, para o nascimento da escola moderna, uma série de outras condições: uma nova forma de encarar a infância, que lhe dava um destaque que antes não tinha; a organização de espaços destinados especialmente para educar as crianças, as *escolas*; o surgimento de especialistas que falavam das

características da infância, da importância deste momento na vida do sujeito e de como deveriam organizar as aulas, os conteúdos de ensino [...] ([...] CRADY e KACHEER (org., 1998, p. 10)).

Em nosso país, a escola de educação infantil ganha notoriedade a partir de 1870. No ano de 1932 regulamentou-se o trabalho feminino e as creches passaram a ser obrigatórias nos estabelecimento onde existiam pelo menos vinte mulheres maiores de dezesseis anos. Esta lei obrigava a existência da creche que deveria ser utilizada pelos filhos dos operários. As crianças vindas de famílias mais ricas ou de mães em condições de permanecerem em casa continuavam a educar a prole no espaço do lar.

A Constituição Federal de 1988 reacende as discussões acerca da Educação Infantil no Brasil, pois declara a criança como portador de direitos e impõe-se ao Estado a incumbência de oferecer condições educacionais a crianças de zero a seis anos. Craidy (1998) afirma:

Outra informação importante é considerarmos que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB-assim como as outras leis recentes a respeito da infância, são conseqüências da Constituição Federal de 1988 que definiu uma nova doutrina da *criança como sujeito de direitos*. [...] o direito das crianças definido no artigo 227 que diz: É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, **à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência e opressão.** (grifo da autora) (CRADY inCRADY e KACHER (org.), 1998, p. 19)

Dessas definições decorre que as creches e pré-escolas são direito tanto das crianças como de seus pais e que são instituições de caráter educacional e não simplesmente assistencial como muitas vezes foram consideradas.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, lei fed. 8.069/1990[...] Determinou ainda a criação dos Conselhos da Criança e do Adolescente e dos Conselhos Tutelares. [...] A LDB, regulamenta a educação infantil, definindo-a como *primeira etapa da educação básica (art. 21/1) e que tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (art. 29).*(grifo da autora) (CRADY inCRADY e KACHEER(org., 1998, p. 20)

O que dispõe a lei tem sido colocado em prática, porém é necessário considerar que ainda prevalece, para boa parte dos pais de crianças atendidas, o senso comum da escola como a creche, o espaço onde a criança será cuidada, ou seja, a escola assume nesse sentido a função assistencialista.

Como visto neste breve histórico, a Educação infantil, destinada a crianças de zero a seis anos passou por inúmeras transformações e, em meio a estas constantes transformações, o papel do professor se dá na função de investigador, uma vez que em sua prática diária deve refletir sobre sua prática docente. Tendo esta certeza, a da necessidade de reflexão, avaliação da prática buscando melhorá-la a cada dia, é que faço uma reflexão sobre a importância da literatura na formação infantil e de como minha prática pode melhorar, tornando-se significativa e corroborando com a construção de sujeitos autônomos, que saibam agir com cooperatividade e que apreciem a leitura e a tenham como futuro instrumento para a construção de sua aprendizagem.

O assunto do qual trato a seguir busca elementos para entender a evolução da produção literária destinada ao público mirim e de como o professor pode e deve utilizá-la como recurso pedagógico riquíssimo que é.

3 A LITERATURA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Estudos apontam para o fato de que os primeiros livros direcionados ao público infantil surgem nesta época em que a Escola se reorganiza para atender os interesses burgueses e, portanto, o surgimento da literatura infantil, no século XVII, estaria na produção de livros de caráter pedagógico, utilizados como recurso didáticos.

Estes livros que não raro encontramos podem ser denominados do que ainda hoje nomeamos de “cartilhas”.

No século XVIII, mudanças importantes se configuram no que se refere à produção de material impresso para as crianças e escritores como La Fontaine, Charles Perrault, Hans Christian Andersen, publicam obras baseadas nos contos de fadas que, não obstante, levam consigo lições de moral.

O início deste tipo de produção abriu espaço para novas publicações e deu margem a um novo mercado que cresce vertiginosamente. De acordo com Lajolo & Zilbermann, “a escola passa a habilitar as crianças para o consumo das obras impressas, servindo como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo”. (2002, p.25).

Embora esse acesso seja digno de reflexão, uma vez que não se dá de forma generalizada e sua amplitude não implique necessariamente na sua qualidade, é devido, acredito principalmente aos estudos de inúmeros teóricos da educação que através de suas pesquisas e práticas pedagógicas tem comprovado a função vital da Literatura no desenvolvimento infantil e na construção de uma escola mais atrativa, dinâmica, questionadora e verdadeira. É com base nestes resultados que os docentes tem se preocupado em ofertar estes meios a seus educandos e este movimento tem direcionado com muita força também às crianças em idade pré-escolar.

Obviamente, a Literatura direcionada aos pequenos não existia. Este fato leva a deduzir que os bebês e crianças de até dois anos, público com quem realizei a intervenção em meu estágio, estavam literalmente à margem

do acesso às boas histórias. Tal como hoje, seus pais já estavam envolvidos em um ritmo de trabalho intenso imposto pelo capitalismo.

Estas crianças crescem sem a atenção merecida e o prazer de uma boa história é substituído pela necessidade do salário que garanta a moradia, a comida e o vestuário. O acesso à cultura torna-se artigo de luxo e, como dito anteriormente, mesmo assim não é garantia de um contato com qualidade.

Ao observar as crianças com quem trabalhei, pude perceber que estas também, em sua maioria, são frutos deste sistema no qual os pais trabalham o dia inteiro, tem pouco acesso à cultura e, por não terem outras alternativas, priorizam o morar, o comer e o vestir.

De lá para cá, com a industrialização seu processo de produção teve um avanço extraordinário e diariamente somos “bombardeados” com novidades, como livros sonoros, montáveis e desmontáveis, de pano, de plástico, com relevos, entre outros. O sistema capitalista mudou de vez a relação dos indivíduos com o sistema de informações. Mas, como já citei anteriormente, embora tenhamos esse número expressivo de recursos, não são todos que tem acesso, sabem da importância do ato de ler e estimular a leitura ou o valorizam e este fato precisa ser modificado. Creio que a forma de modificar esta visão e agindo diretamente sobre o público alvo, as crianças, e fazer delas futuros leitores. Conforme Cademartori (1994, p.23), afirma que:

(...) a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. Se a dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento. (CADEMARTORI, 1994)

A valorização da Literatura enquanto instrumento de uso didático passou pela transformação de recurso didático de cunho ideológico para instrumento para a transformação do sujeito e da sociedade. Enquanto docente, partilho da opinião de Aguiar & Bordini (1993):

(...) a obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero

reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada (...) (p.14)

É papel do educador, portanto, buscar através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada, elementos suficientes para “encantar” os discentes que estão sob seus cuidados. Para Silva (1992, p.57), “bons livros poderão ser presentes e grandes fontes de prazer e conhecimento. Descobrir estes sentimentos desde bebezinhos, poderá ser uma excelente conquista para toda a vida”.

Comprovada a possibilidade de introduzir os pequenos (crianças de até dois anos) no universo literário, é necessário que o professor compreenda como se dará esse processo. Como mencionei na introdução deste texto, quando do meu estágio, durante a contação de histórias deparei-me com o que deduzi ser falta de interesse por parte de meus alunos ou, então, dificuldade de concentração.

Ao buscar dados teóricos que elucidassem minha dúvida, concluí que crianças nesta fase não conseguem manter a atenção por muito tempo em uma mesma atividade. Elas tem o mundo por descobrir e se faz pré-requisito que o professor estabeleça quais os assuntos serão interessantes aos seus alunos, que linguagem e recursos utilizar. Para Bettelheim (1996),

[...] para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam... (p.13).

Na faixa etária de até dois anos a criança ainda não está alfabetizada, porém isso não a impede de ter acesso à linguagem escrita e sua aproximação com a Literatura se dará através da narrativa do professor. De acordo com Abramovich:

Ouvir histórias não é uma questão que se restrinja a ser alfabetizado ou não. Afinal, adultos também adoram ouvir uma boa história, passar noites contando causos. (...)

Se é importante para o bebê ouvir a voz amada e para a criança escutar a narrativa curta, simples, repetitiva, cheia de humor e calidez (numa relação a dois), para a criança de pré-escola ouvir histórias também é fundamental (...)(ABRAMOVICH,1991, pág. 22)

Sabemos que cada criança se expressa de forma diferenciada, tem gostos, medos, interesses que divergem entre si mesmo sendo estas participantes de uma mesma faixa etária, pois cada uma é um ser único, com uma história própria, mas é no espaço escolar que a leitura vai fortalecer a memória afetiva do contato do pré-leitor com a leitura, fazendo com que essa experiência, caso se dê de forma positiva será o elo positivo entre o pré-leitor e o futuro leitor. Segundo Fanny Abramovich (1991):

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... (ABRAMOVICH, 1991, pág.16)

Para crianças de até dois anos a leitura de histórias não terá tanto efeito quanto sua contação propriamente dita. Será preciso chamar-lhe atenção com o uso de recursos sonoros e visuais, pois, conforme nos orienta Paniagua e Palácios (2007), no início de sua vida a atenção do bebê é livre, precisa estar atento a muitas coisas ao mesmo tempo e aos poucos vai aumentando a sua capacidade em focar-se em um único elemento. Daí o fato de se dispersarem facilmente o que, porém, não quer dizer que não estão atentos às histórias, uma vez que a rotina e a carga afetiva deste momento são percebidas.

Ao se ler para uma criança transmite-se além do conteúdo da história, um modo de ler e estimula-se nela o prazer da leitura e o apresso ao livro em si.

Embora alguns autores ponderem sobre o fato de que o contador ao não utilizar-se do livro teria mais liberdade para estabelecer a comunicação com o público ouvinte, esboçando novas reações e emoções, conforme o apelo do grupo, acredito que o livro é um excelente recurso e que o contador deve ter o domínio da história que se propôs a contar dando vida à linguagem escrita sem necessariamente lê-la.

Corroborando com a minha afirmação de que além de contar a história, o contador também deve usar o livro para ilustrar o que diz. Silva afirma que:

[...] as histórias estimulam o desenvolvimento de funções cognitivas importantes para o pensamento, tais como a comparação (entre as figuras e o texto lido ou narrado) o pensamento hipotético, o raciocínio lógico, pensamento divergente ou convergente, as relações espaciais e temporais (toda história tem princípio, meio e fim) Os enredos geralmente são organizados de forma que um conteúdo moral possa ser inferido das ações dos personagens e isso colabora para a construção da ética e da cidadania em nossas crianças. [grifo meu] (SILVA, 2002)¹

1. Publicado em <http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=64>, em 29/09/2009.

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

A presente pesquisa tem por objetivo discutir a importância da contação de histórias para crianças de um a dois anos frequentadoras do espaço escolar, refletindo sobre a importância da figura do professor como agente principal do desenvolvimento do hábito da leitura.

A busca de dados bibliográficos se dá a partir da prática pedagógica realizada no período de estágio no qual se constatou que as crianças nesta faixa etária não conseguem concentrar-se por muito tempo na contação de histórias.

A partir desta constatação inicial levantaram-se hipóteses e buscaram-se respostas na bibliografia referente ao tema e encontram-se aspectos relevantes que são, necessariamente, abordados: a importância de se contar história para crianças pequenas, a preparação do professor, a organização do espaço da sala de aula, a presença ou não do hábito da leitura no espaço familiar, os recursos a serem utilizados para contar histórias e a linguagem apropriada.

O problema de pesquisa surge a partir da observação participante da realidade e os dados iniciais sugerem falta de interesse ou capacidade de concentração. Tendo este elemento como provocador da dúvida, a observação na rotina permite levantar hipóteses que devem ser analisadas. As observações foram registradas e de maneira geral pode-se resumi-las na dificuldade de agrupar alunos em volta de uma história com interesse e atenção.

Para compreender o porquê deste entrave, propus-me, a partir da observação participativa, refletir acerca dos erros e acertos na minha prática docente e, para isso, buscar dados que permitam a melhoria da minha ação

junto aos educandos e o apontamento de sugestões que possam vir ao encontro da necessidade da fazer da leitura parte da rotina das crianças em idade pré-escolar, mais especificamente, na faixa etária de dois a três anos.

Coletam-se, assim, dados bibliográficos a partir do problema inicial que está na constatação da dificuldade por mim encontrada em contar histórias para os alunos com os quais trabalhei, configurando-se, desta forma em uma pesquisa básica de natureza qualitativa com o objetivo de compreender o contexto analisado.

Inicia-se a pesquisa fazendo-se um breve histórico sobre a forma que a infância tem sido tratada ao longo da História visando compreender o conceito de infância e, portanto, de como tratá-la que os pais tem e de como o hábito da leitura está inserido nesse contexto. Faz-se, nesse sentido, uma tentativa de compreensão da realidade social na qual se inserem os sujeitos da pesquisa, pois se entende que todo o sujeito é reflexo do grupo e da cultura na qual está inserido.

Partindo da compreensão de que nem todas as crianças tem acesso de qualidade ao universo da literatura, busquei entender o que em minha prática estava dificultando a oportunidade deste acesso em minha sala de aula.

Nesse sentido, esta pesquisa tem natureza qualitativa básica e explicativa visando servir de aporte para professores e pais que buscam formar sujeitos que tenham gosto pela leitura, sejam críticos e desenvolvam-se de forma saudável e com autonomia.

5 ANÁLISE DE DADOS

Ao realizar a minha prática docente tinha claro a importância da contação de histórias aos meus pequenos, porém alguns fatores contribuíram para o insucesso desta proposta. Sendo assim, esta pesquisa visa discutir a importância da contação de histórias para crianças de zero a dois anos que estão regularmente matriculadas em escolas de Educação Infantil, refletindo sobre a importância da figura do professor como agente principal do desenvolvimento do hábito da leitura.

Ao analisar, agora sob a luz de novos referenciais teóricos, consegui pontuar alguns elementos que contribuíram para que os momentos de contação de histórias não ocorressem e quando ocorriam não tivessem o sucesso desejado.

Entre os dados que verifiquei estão a falta de um espaço adequado, propício à leitura e à ludicidade que ela exige, a necessidade de um número maior de auxiliares, a busca por materiais adequados, a escolha e o preparo da história, a criação progressiva do hábito da leitura.

Início, aqui, a análise do espaço da sala de aula enfatizando a necessidade de tornar o ambiente acolhedor, lúdico, confortável e desafiador na medida em que favoreça a desacomodação da criança fazendo-a partir em busca de novos saberes.

A sala de aula onde atuei configurava-se em um espaço precário, sem a ventilação e o espaço necessário para o pleno desenvolvimento infantil que é um direito assegurado por lei. Não se trata, aqui, de denunciar um fato, mas de refletir acerca da real situação do atendimento prestado à criança pré-escolar em alguns estabelecimentos, mostrando claramente que muito ainda há para ser feito para melhorarmos esta etapa da educação humana.

Conforme Maristela Angotti,

A Constituição Federal de 1988 e a Constituição do estado de São Paulo de 1989 retratam a clara intenção de promover a descentralização na estrutura dos órgãos públicos, transferindo a responsabilidade dos atendimentos básicos da educação e saúde ao município[...]. Nesse sentido, o art. 240 da Constituição Estadual é enfático em responsabilizar os municípios pelo atendimento de ensino fundamental e pré-escolar [...] (ANGOTTI, apud OLIVEIRA, 2000, p.: 53)

Tal como ocorre no estado de São Paulo, conforme Angotti acontece em nosso município. Porém, algumas escolas particulares de Educação Infantil funcionam de forma autônoma e outras assinam convênios de colaboração com a administração municipal e contratam serventes e auxiliares através de estágios remunerados com valores mais baixos.

A escola em questão tem um convenio com o município, como citado acima, porém goza de certa autonomia quanto à sua estrutura e funcionamento. Nesse sentido, alguns aspectos passam “desapercebidos” do controle municipal e a sala onde atendi meus educandos é um exemplo claro disso: tem poucos recursos, o trocador (apenas um) fica no corredor, a porta estava com vidros quebrados, a parede tinha uma grade em função de a sala ter sido uma garagem anteriormente.

Daí pode-se concluir que o ambiente não era o mais seguro, tão pouco o mais agradável e a ação pedagógica se dava levando em conta as limitações de espaço e segurança, bem como a escassez de recursos humanos, pois, com frequência, tinha que abrir mão da realização das atividades para efetuar a troca de fraldas e a alimentação.

Sobre a obrigatoriedade de assistência do município no que se refere à educação infantil, Angotti pondera:

[...] podemos encontrar o possível remédio para a cura de uma chaga que se proliferou e continua se expandindo rapidamente em nossa sociedade, que são as “escolinhas particulares”, pré-escolas de fundo de quintal facilmente montadas em ambientes físicos pouco apropriados para tal fim, sem a preocupação com o projeto pedagógico a ser implementando, ou o desenvolvimento das crianças atendidas. Há de se ressaltar, também. A despreocupação destas “instituições” com a valorização profissional e financeira dos docentes contratados para o trabalho com as crianças (normalmente contratados como monitores ou recreacionistas) (ANGOTTI, apud OLIVEIRA, 2000, p.: 53)

Os aspectos apontados acima corroboram com a constatação de uma escola despreocupada com sua estrutura física, a qualificação de seus docentes e a adequação de sua proposta pedagógica não garante o acesso pleno a uma educação de qualidade e esse entrave foi um dos aspectos que dificultaram a minha atuação, uma vez que boa parte do tempo coloquei-me a arrumar o espaço e realizar tarefas que seriam da incumbência de auxiliares.

Evidentemente não se trata de deslocar a responsabilidade do docente para a instituição, mas de considerar que problemas estruturais e de recursos humanos insuficientes ou despreparados dificultam o andamento do trabalho.

Outro ponto a ser levado em consideração é que, após a pesquisa, pude refletir com maior clareza foi acerca da preparação do professor.

Inicialmente não entendi o porquê de meus alunos não pararem para prestar atenção ao o que eu estava informando.

Dentre os aspectos analisados em minha prática estão: a necessidade da criação de espaços e momentos lúdicos, a criação progressiva de uma rotina que fortaleça o vínculo do educando com o mundo da leitura e o conhecimento da real significação e importância da literatura para estas crianças.

Angotti destaca:

O professor precisa avivar em si mesmo o compromisso de uma constante busca de conhecimento como alimento para seu crescimento pessoal e profissional. Isto poderá gerar-lhe segurança e confiabilidade na realização de seu trabalho docente. Esta busca poderá instrumentalizá-lo para assumir seus créditos, seus ideais, suas verdades, contribuindo para reverendar um corpo teórico que dê sustentação para a realização de seu fazer. (ANGOTTI, apud OLIVEIRA, 2000, p.: 64)

É na certeza de que toda prática docente pode ser avaliada e reestruturada que fui buscar embasamento teórico para que o ato de contar histórias torne-se realmente um momento mágico, de construção e resignificação.

Tendo como foco a busca de saberes que me trouxessem um aporte significativo as minhas atuações docentes futuras, busquei responder as

seguintes questões: Por que contar histórias para crianças de até dois anos? Como tornar a contação de histórias significativas?

Os dados pesquisados apontam para o fato de que ao compartilharmos narrativas, há também a partilha de sentimentos, como de amor, solidão, medo, que serão armazenados na memória desde a mais tenra idade.

A forma como a história chega à criança irá definir, em boa medida, como as crianças irão relacionar e vivenciar estes sentimentos mais tarde, inclusive na vida adulta.

A esse respeito, declara Busatto:

Se mergulhar neste universo é fascinante para nós, adultos, que esquecemos de nos embriar com a magia, que dirá para a criança, a qual constrói deliberadamente um mundo onde tudo é possível. Ao contar uma história, para elas estaremos lhe oferecendo um alimento raro, pois iremos colaborar para que seu universo se amplie e seja mais rico. (BUSATTO, 2003, p.: 12)

Sendo apresentados à literatura de forma acertada, com a preocupação de respeitar os interesses e a faixa etária, a criança pequena vai querer ouvir cada vez mais vezes e cada vez com maior disponibilidade a voz de seu par cuidante, nesse caso, a professora, que, devidamente preparada, irá trazer histórias cada vez mais complexas, mudando os recursos, o tom de voz e diversificando as atividades propostas a partir do conto.

A contação de histórias com ênfase na oralidade irá propiciar, além de outros aspectos, o desenvolvimento da linguagem, a formação de vínculos afetivos entre educador e discentes, fortalecendo a construção da memória afetiva construída em bases sólidas de cooperação, afeto e valorização da leitura.

Fanny Abramovich enfatiza a importância da contação de histórias aos pequenos:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai, ou dos avós, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagem), livros atuais ou curtinhos, poemas sonoros e outros mais. Contados durante o dia, numa tarde de chuva, ou estando todos soltos na grama, num feriado ou domingo – ou num momento de aconchego, à noite, antes de dormir, a criança se preparando para um sono gostoso e reparador, e para um sonho rico, embalado por uma voz amada. (ABRAMOVICH, 1991, p.: 16)

O professor preocupado com sua prática docente terá sempre o conhecimento de que o fato de contar histórias e, dessa forma, estabelecer laços afetivos que se tornarão eternos requer comprometimento e dedicação. Nesse sentido, sua prática pedagógica deve ser planejada de forma a proporcionar a construção de uma rotina voltada à valorização da literatura, seja através da oralidade- que deve o ponto de partida- ou pelo manuseio de livros coloridos, com texturas e sons próprios para as crianças de até dois anos.

Para elaborar um projeto de contação de histórias, é preciso que o docente conheça a diferença entre ler e contar histórias.

Tanto a leitura quanto a contação, embora bem diversas, são muito importantes.

Ao proporcionar o acesso à língua escrita, o professor está levando o aluno a adentrar no campo formal língua escrita, que se dá de forma totalmente da falada.

O bom contador de histórias deve dominar a história a ser apresentada e acredito que deva carregá-la de sentimentos, expressões. Nesse sentido, a linguagem oral estará presente uma vez que o leitor terá a liberdade para impor sobre a história a sua impressão e ao manipular o livro estará contribuindo para que se desenvolva o hábito da leitura e o sentimento da necessidade de valorizar o livro.

Acredito, portanto, neste sentido, que o importante é o que se lê e se como contam as histórias, uma vez que se faz necessária a presença de técnica e de preparação com vistas a despertar o desejo pela descoberta de novas histórias e o prazer das crianças pelo simples fato de estarem reunidas

ao redor de um hábil contador de histórias e prestes a adentrar novos mundos. Sobre isso, versam Aguiar e Bordini:

[...] a obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada. (AGUIAR & BORDINI, 1993, p.14)

As histórias podem servir de instrumento para a transmissão de valores que fazem parte da construção da subjetividade e também são elementos motivadores do raciocínio e o interesse da criança para a análise das formas de agir e se posicionar frente à realidade. Acerca disto, Cademartori afirma que:

[...] a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. Se a dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento. (CADEMARTORI, 1994, p.: 23)

Sabendo desses sentidos dados às histórias, quando da construção de projetos de leitura, irei selecioná-las de acordo com a necessidade e interesse do grupo em questão. Desta forma, as narrativas apresentadas farão sentido mesmo às crianças que se encontram na fase determinada como pré-leitores, período que vai até aproximadamente os três anos.

Segundo Sandroni & Machado (2000, p.12) “a criança percebe desde muito cedo, que livro é uma coisa boa, que dá prazer”. É com essa certeza que o professor pode e deve buscar a variedade de recursos a serem apresentados às crianças que, nesta fase, deixam-se envolver pela variedade de cores, formas e figuras que os livros infantis, em sua maioria, apresentam.

O objetivo de estimular nas crianças o hábito de leitura, tornando-as futuras leitoras deve começar com a oferta diária de pequenas e agradáveis leituras. Para que este objetivo seja alcançado plenamente, Abramovich nos dá algumas dicas:

Nunca negligencie o espaço físico onde irá contar as histórias. Um espaço fechado cria uma sensação de aconchego, e o ideal é que as crianças fiquem à vontade, sem limites como cadeiras ou carteiras. Coloquem-se sentadas em um semicírculo [...] (ABRAMOVICH, 2007, p. 72)

Além do cuidado para com a preparação do espaço, o professor deve ter em mente o que afirma Bettelheim (1996),

[...] para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam [...] (BETTELHEIN, 1996, p.13).

Ao refletir mais detalhadamente sobre minha prática, constatei que além das limitações com o espaço, a falta de recursos materiais e humanos e a ausência de um projeto específico sobre a contação de histórias, bem como a expectativa de que as crianças fossem parar e escutar com atenção a toda a história, me impediram de realizar um trabalho mais profícuo nesse sentido.

A partir destas reflexões poderei rever minha atuação, agindo, agora de forma mais organizada, baseando-me em expectativas reais de acordo com o nível dos educandos e diversificando a forma de apresentar-lhes as narrativas.

Este trabalho, embora me tenha feito rever alguns aspectos de minha prática docente, acentuou em mim a certeza da importância da presença da literatura em classes de educação infantil.

A partir deste trabalho abrem-se novos horizontes e um dos aspectos que me chamam muita atenção para possíveis pesquisas é a participação da família no processo de leitura e letramento das crianças na faixa etária da educação infantil. Penso que uma abordagem mais sistemática junto às famílias poderiam trazer resultados bastante significativos, uma vez que escola e família tem, ambas, a responsabilidade pela formação da criança. Pensar a literatura a possibilidade da presença na literatura no cotidiano da Educação Infantil é um desafio ainda em construção, pois, conforme relata Amaya Prado,

Entre nós, a literatura infantil começa a se constituir a partir da mesma preocupação que norteia o gênero no Ocidente, a educação e

preparação dos pequenos para a vida em sociedade. (PRADO, apud COENGA, 2010, P.: 156)

Tendo em vista que essa preocupação com a literatura oferecida aos pequenos passa a fazer parte do cenário brasileiro somente a partir do século XIX e XX (Lajolo, 1986), é de se pensar que os cursos de formação para professores não possuíam maiores recursos no que diz respeito ao referencial teórico que versava sobre a importância da literatura na formação das crianças.

Notadamente as mudanças na educação não se dão de forma muito rápida mesmo em meio a tanta tecnologia. Toda reforma educacional leva um tempo considerável para ser posta em pleno funcionamento estando, muitas vezes, ultrapassada quando de sua efetiva implementação.

Ao levarmos em consideração as informações citadas acima, nos damos conta de que as preparações de docentes que se comprometem com a propagação do hábito de leitura voltada para a literatura e não apenas ao uso didático de textos é relativamente um assunto recente.

Outro aspecto que me chamou atenção e também tem potencial para tornar-se uma futura pesquisa é a questão da distribuição do espaço da sala de aula e da escola de educação infantil como um todo.

De fato, várias questões passam a fazer parte da minha constituição como sujeito a partir desta pesquisa. O que preciso enfatizar, no entanto, é que minha visão acerca do valor da leitura na educação infantil expandiu-se e percebi a importância do preparo do profissional e da necessidade de comprometimento com sua prática.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tratar do tema Literatura na educação Infantil, muitas vezes passa despercebido o fato de que inúmeras das crianças que freqüentam hoje a escola não tem um contato apropriado com o universo da literatura, seja porque seus pares cuidantes não estejam cientes da importância desta na formação de seus pequenos, seja pela falta de acesso ou pelo acesso a materiais que embora tenham grande apelo consumista, não tenham grande valor literário.

Essa falta de acesso não se dá apenas pelos aspectos citados acima. Ao analisar o conceito de infância e o histórico de implementação da Educação Infantil, percebe-se que ambos são conceitos ainda incipientes. Não se trata de dizer que todos os estudos, o referencial teórico e os avanços que temos não trouxeram mudanças significativas na forma de tratar com a criança. O que temos que perceber é que esses conceitos e novas abordagens levam um tempo de maturação até tornarem-se parte da realidade das famílias.

É nesse sentido que a Educação Infantil tem grande responsabilidade, pois pais e cuidantes, muitas vezes, veem as crianças como seres que devem ser colocados na escola para serem cuidadas e caberia à escola toda a responsabilidade com sua educação, o que de fato acaba por acontecer muitas vezes.

Outro aspecto a considerar é que ao colocarem os filhos na escola, em muitos casos, os pais criam expectativas que vão além das possibilidades e, no caso da literatura dão-lhe uma importância voltada para o preparo da alfabetização que não é o propósito da Educação Infantil.

O professor de Educação Infantil, atento ao seu compromisso frente ao acesso de qualidade de seus educandos com a literatura, cabe o entendimento

de que esta não deve ser trabalhada apenas com fins pedagógicos ou didáticos, como já fora no passado, conforme esclarece OLIVEIRA:

A Literatura Infantil constitui-se como gênero durante o século XVII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade desencadearam repercussões no âmbito artístico.

O aparecimento da Literatura Infantil tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo "status" concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. Sua emergência deveu-se, antes de tudo, à sua associação com a Pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumento dela. (OLIVEIRA, 2010)

Sabidamente, a Literatura exerce grande fascínio sobre as crianças e o uso de materiais diversificados, de uma linguagem que favoreça o suspense e o contato com os próprios sentimentos são excelentes recursos que podem e devem ser usados pelos professores quando da preparação de suas aulas, suas horas do conto que devem seguir uma rotina, mesmo para os pequenos. Conforme COELHO,

A literatura infantil torna-se, deste modo, imprescindível. Os professores dos primeiros anos da escola fundamental devem trabalhar diariamente com a literatura, pois esta se constitui em material indispensável, que aflora a criatividade infantil e desperta as veias artísticas da criança. Nessa faixa etária, os livros de literatura devem ser oferecidos às crianças, através de uma espécie de caleidoscópio de sentimentos e emoções que favoreçam a proliferação do gosto pela literatura, enquanto forma de lazer e diversão. (COELHO, 2010)

Meirelles acentua o que lemos acima ao enfatizar a importância da escola no ensino da literatura:

Todos os especialistas concordam que, num país como o Brasil, a escola tem um papel fundamental para garantir o contato com livros desde a primeira infância: manusear as obras encantar-se com as ilustrações e começar a descobrir o mundo das letras. É nas salas de Educação Infantil que você, professor, deve apresentar os diversos gêneros à turma. Nessa fase, o que importa é deixar-se levar pelas histórias sem nenhuma preocupação em "ensinar literatura". Ler para os pequenos e comentar a obra com eles é fundamental para começar a desenvolver os chamados comportamentos leitores. (MEIRELLES, 2010)

O professor, ciente de sua importante tarefa, deve ter também a ciência de que não basta contar histórias, é preciso conhecê-las, saber a que público se destinam, de que forma aborda-las e, defendendo aqui, apresentá-las através

de diferentes métodos, seja por meio da oralidade apenas, seja usando a leitura direta no livro ou a leitura acrescida de recursos, como fantoches, slides, entre outros.

Este trabalho mostrou a importância da contação de histórias, seja através puramente da oralidade, seja com o uso de recursos, mas o que se evidencia neste trabalho é a postura do professor que não pode desistir de sua tarefa frente aos desafios.

Os dados obtidos com essa pesquisa demonstram que a Literatura Infantil contribui para o processo de desenvolvimento da criança, sendo a linguagem (oral, gestual, expressão de sentimentos) a mediadora durante de interações destas com o meio, permitindo-lhe o contato com suas emoções, o encantamento pelo mundo que a história propõe e a reconstrução ou solidificação de auto-conceitos que tem.

Ao educador é dada a responsabilidade de educar e, num sentido muito mais amplo, educar para a vida e, nesse sentido, com já visto anteriormente, a literatura aparece como elemento fundamental, uma ferramenta para a construção de sentidos. Conforme expressa Sawulski:

A Literatura Infantil, nas escolas, deve despertar o gosto pela leitura, pois "(...) a literatura pode proporcionar fruição, alegria e encanto quando trabalhada de forma significativa pelo aluno. Além disso, ela pode desenvolver a imaginação, os sentimentos, a emoção, a expressão e o movimento através de uma aprendizagem prazerosa". (SAWULSKI, 2002).

Após analisar a bibliografia que trata do tema, cito aqui um resumo de atitudes que podem colaborar para que a contação de histórias de dê de forma eficaz, atenta à ludicidade que se lhe faz necessária.

Inicialmente, é preciso que o professor tenha o hábito da leitura e que demonstre prazer ao fazê-la, utilizando-se de diferentes tons de voz, ritmos, vestimentas, expressões.

Outro requisito fundamental, além da compreensão das limitações e necessidades de cada faixa etária e de cada grupo especificamente, o professor deve destinar em sua sala um espaço específico para o momento da contação. Frantz nos informa que:

Assim, o texto literário deve levar em conta as habilidades cognitivas da criança à qual se destina, oferecendo um produto de qualidade, que possibilite um avanço no seu desenvolvimento bio-psico-social que ocorrerá. (2001 p. 62):

Alves corrobora a informação trazida por Frantz:

Atualmente, com os avanços da psicologia do desenvolvimento infantil sabe-se que, "(...) é preciso entender que a criança é também cheia de conflitos, medos, dúvidas e contradições, não por desconhecer a realidade, mas por trazer em si a imagem projetada do adulto". Portanto, "(...) Quanto ao desenvolvimento cognitivo, a ênfase não pode ser naquilo que a criança ainda não dá conta, mas sim, naquilo que só ela é capaz de fazer". (ALVES, 2003).

Além do espaço, o educador deve selecionar criteriosamente os recursos a serem utilizados e fazer deste processo, o da contação, uma rotina e proporcionar aos alunos um amplo contato com o material de leitura, sensibilizando para leitura o pré-leitor que está na primeira ou segunda infância, pois o contato da criança com o objeto livro desde cedo é um pré-requisito para que esta cultive interesse pela leitura,

Esta pesquisa evidencia a importância do acesso à literatura para crianças pequenas por contribuir na sua formação de sujeitos, auxiliar o desenvolvimento da linguagem, criar vínculos afetivos positivos na sua relação com a aprendizagem, estimular a criticidade, a criatividade e a capacidade de resiliência frente a conflitos pessoais e de convívio social.

[...] a literatura infantil vem sendo criada, sempre atenta ao nível do leitor a que se destina... e consciente de que uma das mais fecundas fontes para a formação dos imaturos é a imaginação – espaço ideal da literatura. É pelo imaginário que o eu pode conquistar o verdadeiro conhecimento de si mesmo e do mundo em que lhe cumpre viver". COELHO (2000 p.141).

Penso que assim como eu, muitos outros educadores, seja por não terem uma formação adequada ou por não disporem de recursos adequados possam encontrar dificuldades em sua prática, porém, as soluções são bastante acessíveis e requerem disposição na busca de meios.

Acredito que uma formação continuada a profissionais de Educação Infantil é sempre necessária e, além disso, deva-se investir também na

formação dos pais, trazendo-os para junto da escola através de palestras, cursos, eventos.

Pais, professores e toda a comunidade escolar podem e devem agir comunitariamente no sentido de melhorar a cada dia o atendimento educacional ofertado pelas escolas de Educação Infantil e o professor será sempre o mediador desta mudança e o principal responsável por inferir em seus educandos o prazer pela leitura, sendo ele também um leitor consciente e comprometido com sua prática que deve estar em constante reflexão.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices.** 2 ed. São Paulo, SP, Editora Scipione Ltda, 1991.

AGUIAR, V.T. & BORDINI, M.G. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas.** 2.ed. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1993.

ALVES, V. **O conceito de Literatura Infantil; O leitor: concepção de infância; O caráter literário na Literatura Infantil.** Abril 2003 <<http://www.sitedeliteratura.com/index.htm>>

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ. Editora JC, 1981.

AROEIRA, M. ; SOARES, M.; MENDES, R. **Didática de pré-escola: vida e criança:brincar e aprender.** São Paulo: FTD, 1996, p. 167.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas.** 11 .ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1996. p. 11-43

BUSATTO, Cléo A **Arte de Contar Histórias no Século XXI: Tradição e Ciberespaço.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006.

_____, **Contar e Encantar: Pequenos Segredos da Narrativa.** 4 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003

BRASIL.MEC/SEF: Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)., 1998.

CASTELLO, José Aderaldo. **A Literatura Brasileira: Origens e Unidade :1500-1960.** 1999. Vol II. EdUsp. São Paulo , SP

COELHO, Betty. **Contar Histórias uma Arte sem Idade.** São Paulo: Scipione, 7ª

ed., 1997.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática.** – 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000

COENGA, Rosemar.(org.) **Leitura e Literatura Infanto Juvenil: Redes de Sentido.** Cuiabá, MT: Carline e Caniato Editorial. 2010

CRADY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Maria Pereira da Silva.(org.). **Educação Infantil: Pra Que Te Quero?**.RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul,Governo do Estado do Rio Grande do Sul. 1998.

FALKENBACH, Atos Prinz.**A Relação Professor/Criança em Atividades Lúdicas:A Formação Pessoal dos Professores**.Porto Alegre,RS.Edições EST,1999.

FRANTZ, M. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. 3 ed. Ijuí:unijuí, 2001. 111p.

GALVÃO,Izabel. **Henri Wallon: Uma Cocepção Dialética do Desenvolvimento Infantil**.11 ed. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2002.

LAJOLO, M. ; ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira – História e Histórias**. 2 ed. São Paulo:Ática, 1985, 190. .

LEITE, Regina. **Revistando a Pré-Escola**. São Paulo: Scipione, 5ª ed., 2001.

LISBOA, Fábio. **A Importância dos Primeiros Contatos Afetivos com as Palavras**. Disponível em: [www.fabiolisboa.com.br/projeto ABC Aprender, Brincar, Cuidar](http://www.fabiolisboa.com.br/projeto_ABC_Aprender,Brincar,Cuidar). Acessado em outubro de 2010.

MACHADO, Irene. **Literatura e Redação**. São Paulo: Scipione, 1994.

MAIA, Christiane Martinatti(org.) **Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem**.ULBRA.2008

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da Antiguidade aos Nossos Dias**. 3ªed.São Paulo, SP.Editora Cortez, 2002.

MARIA, Ângela & SARMENTO, Roberto. **Poesia é Brincar com Palavras**. Alagoas: UFLA, Scipione, 2002.

MEIRELLES, Elisa. **Literatura na Educação Infantil: Pra começar, muitos livros**. Nova Escola, edição 234, agosto de 2010

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotski: Aprendizado e Desenvolvimento, Um Processo Sócio-Histórico**.4 ed. São Paulo, SP. Editora Scipone, 2004.

PALO, Mª José e OLIVEIRA, Mª Rosa D. **Literatura Infantil - Voz de criança**. SP: Ática,

PANIAGUA, Gema, PALACIOS, Jesús. **Educação Infantil, Resposta educativa à Diversidade**. Porto Alegre, RS. Artmed, 2007.

PIRES, Diléa Helena de Oliveira. "Livro...Eterno Livro..." In: **Releitura**. Belo Horizonte: março de 2000, vol. 14

RUFINO, C.; GOMES, W. **A importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança na fase da pré-escola.** São José dos Campos: Univap, 1999.

SAWULSKI, V. **Fruição e / ou aprendizagem através da Literatura Infantil na escola** 1.2002< <http://www.cce.ufsc.br/~neitezal/literaturainfantil/verena.htm>.>abril 2003.

SANCHES, E.C. **Creche: realidade e ambigüidades.** 2. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SILVA, Cláudia Marques Cunha **A Importância de Contar histórias para as Crianças.** <http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=64>, em 26/09/2002.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo. Martins Fontes, 1994.

_____, **A Formação Social da Mente.** São Paulo. Martins Fontes, 1991.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget.** 5 ed.

